

**OS CRISTIANISMOS ORIENTAIS E SEU DESAPARECIMENTO NA  
HISTORIOGRAFIA ECLESIAÍSTICA OCIDENTAL**  
**The Eastern Christianity and its disappearance in western ecclesiastical  
historiography**

Prof. Ms. Lucas Gesta Palmares Munhoz de Paiva<sup>1</sup>  
Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia (FAECAD)

**Resumo:**

Este artigo abordará uma discussão acerca do desaparecimento dos cristianismos asiáticos e africanos, aqui chamados de *cristianismos orientais*, da história, memória e teologia ocidental. Tais cristianismos formaram as primeiras expressões teológicas, litúrgicas e missionárias da história do movimento de Jesus e, por questões de brigas doutrinárias e políticas, acabaram tomando um rumo oposto ao do império romano e seu cristianismo oficial, sendo perseguidos pelo mesmo. Faremos uma abordagem sinótica do surgimento destas tradições, sua importância na Antiguidade e na história da formação da teologia cristã. Apontaremos também o porquê de seu desconhecimento no ocidente e as causas de seu sumiço na historiografia eclesiástica ocidental, tanto em meio católico apostólico romano, quanto protestante. Assim, analisaremos os grandes cismas orientais na Antiguidade, o rompimento dos ritos siríacos e egípcios, a ascensão do rito bizantino e sua tentativa de impor sua doutrina no Império Romano.

Palavras-chave: Cristianismos Orientais – Oriente Cristão - Ortodoxia

**Abstract:**

This article will address a discussion on the disappearance of Asian and African Christianity, here called Eastern Christianity, of Western history, memory and theology. Such Christianity formed the first theological, liturgical, and missionary expressions of the history of the Jesus movement and, as a result of doctrinal and political quarrels, ended up taking a course opposite to that of the Roman empire and its official Christianity, being persecuted by it. We will take a synoptic approach to the emergence of these traditions, their importance in antiquity, and in the history of the formation of Christian theology. We will also point out the reason for his ignorance in the West and the causes of his disappearance in Western ecclesiastical historiography, both in Roman Catholic and Protestant milieus. Thus we shall analyze the great Eastern schisms in antiquity, the breakup of the Syriac and Egyptian rites, the rise of the Byzantine rite, and its attempt to impose its doctrine on the Roman Empire.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Pós-graduado em História da Igreja pela Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia (FAECAD); Licenciado em História - Fundação Dom André Arcoverde (FAA). Membro integrante do NECO – Núcleo de estudos de Cristianismos no Oriente - vinculado ao GT Rio de Janeiro de História das Religiões e das Religiosidades da ANPUH. Professor da Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia (FAECAD), atuando na cátedra de História da Igreja Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, História do Pensamento Cristão, História de Israel e Mundo Greco-Romano.

Keywords: Eastern Christianity - Eastern Christian - Orthodoxy

## **Repensando a expansão cristã inicial**

Geralmente, quando fala-se de cristianismo na Antiguidade, seu surgimento e expansão, pensa-se, de acordo com a imagem transmitida pelos manuais de história eclesiástica ocidentais, em uma rota traçada num mapa, a qual surge na Palestina, se expande pelas cidades romanas na Ásia Menor, depois Grécia, Macedônia até chegar em Roma. Neste quadro, o cristianismo rapidamente sai do Oriente Próximo até chegar à Europa, e dali se expande para o restante do mundo. Nós encontramos facilmente essa ideia sendo ensinada em manuais de teologia, de história eclesiástica, entre professores de educação cristã e até em universidades e seminários cristãos.

Porém, esta é uma visão reduzida e tendenciosa da expansão cristã nos primeiros séculos. Isto porque não foi Roma o principal centro de expansão cristã do primeiro século, mas sim a cidade de Antioquia, na Síria. Muito menos foi a Europa (em termos numéricos e de produção intelectual) o lugar de maior expansão cristã na Antiguidade, mas a Ásia e a África. O cristianismo nunca teve uma única linha do tempo, nem único sentido de expansão e muito menos é fruto de uma única “igreja”, como se fosse um movimento homogêneo, com lideranças e hierarquias unívocas. Daí, podermos usar o termo “cristianismos” ao invés de “cristianismo”.

Poderíamos falar dos diversos tipos de “cristianismos”, ou seja, as plurais e distintas formas que grupos humanos interpretaram, seguiram e divulgaram a mensagem de Jesus de Nazaré. Porém, isso não caberia a esse artigo. Nós iremos aqui, nos dedicar ao legado de alguns desses grupos, que acabaram por sobreviver às perseguições e hostilidades de seu tempo, e até vencer ou englobar outras visões sobre Jesus, grupo que muitos chamam de “cristianismo primitivo” ou “igreja primitiva”, o qual, de nenhuma forma foi homogêneo, pacífico internamente e muito menos representou uma doutrina e liderança unificada.

Observamos em artigo anterior<sup>2</sup> que uma grande comunidade cristã se desenvolveu na cidade de Antioquia da Síria, na primeira década após o evento da Ascensão. Como podemos observar no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, Antioquia

---

<sup>2</sup> PAIVA, L. G. P. M. de. Antioquia, Paulo de Tarso e a formação da religião Cristã. **Revista Tempo Amazônico** - ISSN 2357-7274, v. 2, n.2, p. 94-110, jan - jun de 2015.

funcionava como uma base missionária, uma igreja mãe que ia estabelecendo pequenas outras comunidades cristãs nas principais cidades à sua volta e em toda Ásia menor, através de uma missionariedade específica composta de homens reconhecidos como apóstolos e profetas.

Essas pequenas igrejas eram formadas em uma espécie de sistema de colonato, onde recebiam o sustento financeiro, logístico e espiritual (na figura das lideranças que lá iam evangelizar, exortar e liderar) da “metrópole” ou Igreja-mãe que era a de Antioquia da Síria. Um desses apóstolos, que estavam a serviço da igreja antioquena, era Paulo de Tarso, o qual, nas suas viagens, partia de Antioquia e para lá voltava.

Paulo desenvolveu todo um conceito teológico e missiológico através de conhecimentos que havia acumulado antes de sua conversão do judaísmo ao movimento de Jesus, juntamente com os conceitos teológicos que a igreja em Antioquia já havia formado, fruto de seu desligamento progressivo com a herança judaica e da influência de uma corrente judaico-cristã, expulsa de Jerusalém, que fundara aquela comunidade cristã, conhecida como “Grupo dos Sete” – corrente judaica cristã helenista, que de todas as formas era discriminada, e foi a primeira a ser perseguida entre os seguidores do movimento de Jesus.

Ali se desenvolveu uma espécie de religião própria, com seus símbolos e rituais iniciatórios específicos, sua teologia em torno do conceito da Graça e do papel especial do Espírito Santo como diretor das ações e práticas missionárias. Como cita Gerd Theissen acerca do Grupo dos Sete:

[...] com os pactos do Concílio dos Apóstolos, os primeiros grupos cristãos viram-se pressionados a desenvolver uma linguagem simbólica própria que fizesse justiça a todas as necessidades religiosas e pudesse ser partilhada por todos os membros, judeus e não-judeus. O Batismo devia tornar-se, pois, definitivamente, o rito de admissão, substituindo a circuncisão. A Eucaristia devia tornar-se inapelavelmente o rito de integração, em substituição às refeições sacrificiais da tradição. Era preciso desenvolver uma linguagem simbólica religiosa própria, ou seja, *uma religião própria* [grifo nosso].<sup>3</sup>

Essa comunidade cristã se desenvolveu rapidamente, de maneira a suprimir, em sua expansão, todas as outras formas de interpretar as palavras e a vida de Jesus, se tornando o que se conhece hoje como “cristianismo primitivo”. Pois ela reuniu, durante

---

<sup>3</sup> THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 230.

o período de crise que culminou com a destruição do Templo em 70 d.C., boa parte daqueles seguidores do movimento de Jesus que estavam na Palestina, integrando-os à sua agenda doutrinária e missionária, bem como tinha grandes escritores que formaram mais da metade do Novo Testamento (como o Paulo de Tarso e o evangelista Lucas), e porque possuía recursos financeiros fartos para financiar a obra evangelizadora. A comunidade cristã de Antioquia era formada por judeus cristãos, ricos comerciantes e, que por estar em uma cidade cosmopolita, elo de ligação do Ocidente com o Oriente, tornou-se entreposto de chegada e saída de evangelistas, profetas e apóstolos de todas as partes do mundo. Como cita Tenney: “Ainda que o movimento de Antioquia não tenha sido o primeiro de seu gênero, foi o primeiro a afetar o Império como um todo”.<sup>4</sup>

Porém, se seguirmos o caminho da narrativa lucana, vemos uma linha teológica, na qual há ênfase em mostrar o cristianismo conquistando Roma, pois, conquistando-se o Império que dominava o seu “mundo”, logicamente conquistava-se para Cristo o mundo inteiro. Esta lógica foi ampliada pelas tradições cristãs européias, a partir da igreja católica apostólica romana e passada às tradições protestantes, desenvolvendo-se uma visão historiográfica eurocêntrica do movimento cristão, como se a Europa fosse seu centro e sua “razão” de expansão.

No entanto, observamos que Antioquia foi o centro de missionariedade cristã por excelência nos primórdios da expansão do movimento cristão, e não Roma ou o continente europeu. E o que dizer dessa comunidade cristã “original” de Antioquia? Ela não ficou restrita à expansão para o oeste, mas se lançou ao leste e ao sul, levando sua mensagem em outras direções. Este leste envolvia o interior da Síria e o Império sassânida, e o sul envolvia a África, mais precisamente o Egito.

É a partir deste momento, em que os cristãos antioquenos forem na direção “contrária” da cidade de Roma, que verificaremos a importância deste para entendermos aquilo que vamos chamar de *cristianismos orientais*.

### **Definindo os *Cristianismos Orientais***

Definimos *cristianismos orientais* como todas as tradições ou ritos cristãos, originários na Antiguidade, que se formaram a partir de matrizes culturais asiáticas e africanas, desenvolvendo comunidades e igrejas autônomas com hierarquia própria,

---

<sup>4</sup> TENNEY, M. C. **Tempos do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 241.

doutrina específica e cânon estabelecido a partir de suas experiências regionais e diálogos intraculturais.

Para tanto, definimos “oriente” ou “cristianismos orientais” a partir da lógica de *oriente cristão*. Por *oriente cristão* entende-se uma macro-região geográfica, mas que também é um horizonte cultural, com certas matrizes comuns, que vai do Cáucaso e das terras da antiga Rússia, a norte, até a Etiópia e Kerala, a sul, e das margens do Mar Mediterrâneo, a oeste, até ao mar da China e Japão, a leste. Ou seja, aí está inclusa não apenas a Ásia, mas também parte da África e da Europa (como os ortodoxos bizantinos que atingem bálcãs, Grécia e Rússia, porém sob a cultura capadócia).

O título “cristianismos orientais” é uma redundância, já que o movimento de Jesus surge neste oriente, exatamente, na região asiática da Palestina, e é no oriente cristão onde haverá mais adeptos do cristianismo no mundo até, pelo menos, o século XIV. Como cita Jenkins:

Fundado no Oriente Próximo, o cristianismo, em seus primeiros mil anos, foi mais forte na Ásia e no Norte da África do que na Europa, e só depois de 1400, mais ou menos, é que a Europa (e a América do Norte europeizada) tornou-se, decididamente, o centro do mundo cristão [...].<sup>5</sup>

A ideia do cristianismo como religião europeia, ou ainda, “ocidental” distorce a própria realidade histórica do mesmo, pois o “cristianismo nunca foi sinônimo de Europa nem de Ocidente”<sup>6</sup>. Se seguirmos a própria tradição cristã, veremos, por exemplo, que, dos cinco patriarcados antigos dentro do Império romano, apenas um (Roma) ficava na parte ocidental do Império; os outros quatro se situavam na parte oriental (três ficavam na Ásia - Antioquia, Jerusalém e Constantinopla - e um na África - Alexandria). E isso tratando-se dos patriarcados dentro do Império romano, pois pouco fala-se dos patriarcados siríaco-persas na cidade de Selêucia-Cnesifonte e no Turquistão.

Toda a base da teologia, liturgia, práxis e hierarquia cristãs pré virada constantiniana são desenvolvidas em regiões fora da Europa, a saber: Antioquia, Alexandria e Norte da África - especificamente Cartago<sup>7</sup>. O primeiro Estado a se tornar

---

<sup>5</sup> JENKINS, P. **A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 33.

<sup>6</sup>Ibid., p. 36.

<sup>7</sup> GONZÁLEZ, J. L. **Retorno à História do Pensamento Cristão: três tipos de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 18-20.

cristão no mundo foi a Armênia (por volta de 300<sup>8</sup>) e o segundo foi a Etiópia (por volta de 330<sup>9</sup>). Os grandes debates teológicos do cristianismo dentro do Império romano, nos quatro primeiros concílios ecumênicos - os mais importantes para a decisiva consolidação do que chama-se hoje de “Ortodoxia Cristã” -, nada mais eram do que disputas entre a dogmática antioquena e a dogmática alexandrina para decidirem qual destas opções o Império iria seguir.

Devemos considerar que, até o século VII, o cristianismo já havia chegado à China<sup>10</sup>, tratando-se de continente asiático; desde então, já havia estabelecido muitos bispados na Pérsia, Armênia, Arábia, Índia, Mongólia, Turquistão e em diferentes partes da mesma China (tanto na costa marítima quanto no interior), por exemplo. Tratando-se de continente africano, até o século IV já havia se estabelecido no Egito, Núbia, Etiópia e nas margens do Mar Vermelho.<sup>11</sup> Assim, tratar de cristianismo é falar de uma religião afro-asiática por excelência.

Desta forma, quando usamos o conceito *cristianismos orientais*, nos referimos a todos os ritos cristãos que surgiram e desenvolveram-se unicamente no oriente cristão, e que tiveram pouco ou nenhum contato com os ritos majoritários do ocidente romano. A isso, soma-se o fato que alguns destes ritos orientais se formaram, travando também contatos com outros tipos de ideias filosóficas, políticas e religiosas, diversas daquelas dentro do Império romano. Portanto, isso influenciou o caráter de sua teologia, liturgia e linguagem. Não foi unicamente o paradigma do Império romano que os formou, mas sim paradigmas diversos e plurais, de povos em uma extensão geográfica bem maior.

## **A divisão entre os cristianismos asiáticos**

A tradição siríaca oriental, ou antioquena, se destacou pela sua ênfase numa cristologia que destacava o papel do homem histórico Jesus e sua convivência com o Logos divino (uma das pessoas da Trindade)<sup>12</sup>. Observamos isto desde os autores mais antigos, como Santo Efrém, o sírio, ou Santo Afraates, até os teólogos mais

---

<sup>8</sup> NERSESSIAN, V. N. Armenian Christianity. In: PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007. p. 23.

<sup>9</sup> APPLEBYARD, D. Ethiopian Christianity. In: PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007. p. 118.

<sup>10</sup> IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). **História do movimento cristão mundial**. Vol. 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004. p. 393.

<sup>11</sup> IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). Op. Cit. p. 276.

<sup>12</sup> Ibid., p. 278-279.

proeminentes após a virada constantiniana, Teodoro de Mopsuéstia e Teodoreto de Ciro. Essa visão cristológica chocava-se com a visão de outra tradição teológica, a do patriarcado de Alexandria, que enfatizava a cristologia de uma única pessoa, o Logos divino habitante em uma carne (“*sarx*”)<sup>13</sup>.

Esta questão polarizou os antigos patriarcados orientais de Antioquia e Alexandria – os mais importantes em relação à sua contribuição em termos de doutrina, teologia e missionariedade para o cristianismo antigo.

Como nos concílios, os interesses políticos e econômicos estavam envolvidos tanto quanto os teológicos. A visão alexandrina sobrepôs-se à visão antioquena no terceiro concílio ecumênico, o de Éfeso, em 431 d.C. O conflito havia começado quando Nestório, patriarca de Constantinopla e herdeiro da tradição antioquena, afirmou que Maria era *Christotokós* (“Mãe de Cristo”) e não *Theotokós* (“Mãe de Deus” ou “deípara”)<sup>14</sup>. O termo *Theotokós* era muito querido para os alexandrinos, que viam no termo proposto por Nestório uma tentativa de separar duas pessoas (uma divina e uma humana) na pessoa de Cristo. Disso se seguiu que Cirilo, patriarca de Alexandria, juntamente com ajuda da imperatriz que o apoiava, organizou o terceiro concílio de forma muito brusca, impedindo a presença tanto do Patriarca de Constantinopla, como o de Antioquia.

Assim, Cirilo e seus partidários alexandrinos dominaram os trabalhos e asseguraram a excomunhão tanto de Nestório, como de João, o Patriarca de Antioquia, condenando suas ideias. Essa excomunhão atingiu toda a região marcada pela teologia antioquena, que já a esta época alcançava da Síria até o extremo oriente. Ainda que o patriarca João fosse “reconciliado” em um concílio posterior, os antioquenos sentiram sua exclusão, se posicionaram ao lado de Nestório, que foi condenado, e assim se desligaram dos rumos teológicos e políticos do cristianismo dentro das áreas culturais englobadas pelo Império romano. Isto gerou um efeito positivo em relação à expansão de sua tradição, pois foram migrando em direção às regiões opostas ao império romano, se espalhando pela Pérsia, Índia, Mongólia, China e, possivelmente, ao mais longínquo Japão.

---

<sup>13</sup> PELIKAN, J. **A tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. O surgimento da tradição católica 100-600.** Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014. p. 239.

<sup>14</sup> KÖTTING, B. A ampla articulação da Igreja. In: KAUFMANN, T; et alli (org). **História Ecumênica da Igreja.** Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012. p. 139-140.

Pelo fato de só terem aceitado os dois primeiros concílios, os siríacos orientais ou assírios do Oriente (mais conhecidos pelo apelido “nestorianos”) - seu nome oficial hoje é Igreja Católica Apostólica Assíria do Oriente - foram perseguidos ou hostilizados tanto por cristãos pré-calcedonianos<sup>15</sup>, quanto ortodoxos bizantinos e por católicos romanos; além disso, foram duramente perseguidos pelos muçulmanos, mongóis, além de algumas dinastias chinesas, e etnias indianas.

A Síria oriental e, sobretudo, a Pérsia, se tornaram as grandes sedes dessa cultura cristã que se expandiu por todo o Oriente. Um fator a ser observado é que a tradição siríaca, ao chegar na Mesopotâmia e todo Império persa, tornou aquela região um dos seios mais frutíferos de todo o mundo para a expansão cristã. Apesar dos cristãos viverem alternadamente entre períodos de grande perseguição ou relativa paz, dependendo dos movimentos e conquistas de reinos e governantes, o cristianismo prosperou tremendamente lá, a ponto de a Pérsia desenvolver uma igreja nacional, com um patriarca independente em Selêucida-Cnesifonte. Os missionários e comerciantes persas levaram esse rito cristão a todo o extremo oriente.

### **A divisão entre os cristianismos africanos**

Após o Concílio de Éfeso ter quebrado a unidade cristã com o oriente siríaco, logo, as autoridades políticas perceberam que também houve a quebra política e econômica. Isto pois o povo antioqueno sentiu a exclusão do seu patriarca, e diversos problemas poderiam ocorrer, entre protestos e possibilidades de revoltas. Muitos representantes das igrejas siríacas também começaram um processo de denúncia aos outros patriarcados, sobretudo a Roma que os apoiou<sup>16</sup>, contra o concílio de Éfeso, pois transformara-se “numa assembleia partidária, composta apenas pelos adversários de Nestório”<sup>17</sup>, a qual, além de ter desonestamente contado com a maioria de alexandrinos, na figura do Patriarca Cirilo de Alexandria, dominaram os trabalhos, não deram tempo para que os siríacos se defendessem e ao menos chegassem ao concílio para isso.

---

<sup>15</sup> Aquelas igrejas que aceitaram apenas os três primeiros Concílios Ecumênicos do cristianismo imperial romano – Niceia, em 325; Constantinopla, em 381; Éfeso, em 431 -, diferentemente dos assírios, os quais aceitam apenas os dois primeiros.

<sup>16</sup> Tendo o papa Leão feito questão de se referir ao concílio como “Latrocínio de Éfeso”. Cf. PERRONE, Lorenzo. De Niceia (325) a Calcedônia (451). In: ALBERIGO, G. (org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 89.

<sup>17</sup> PERRONE, Lorenzo. De Niceia (325) a Calcedônia (451). In: ALBERIGO, G. (org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 79.

Nesse ínterim, o imperador Teodósio II faleceu e sua esposa, Pulquéria, assumiu o poder, ainda que tenha casado com Marcião e o feito imperador por conta das tradições patriarcais imperiais. Marcião, para resolver a questão e pacificar as regiões do império, resolveu convocar um novo concílio, a ser realizado em Calcedônia, na margem asiática do estreito do Bósforo.

O concílio de Calcedônia (451) foi o mais importante concílio em termos numéricos (quantidade de bispos que compareceram, nos quais as fontes variam entre 400 e 600) e dos efeitos que causou. Os trabalhos iniciaram-se na tentativa de conciliar as partes atingidas anteriormente e minorar os desagrvos. Por conta do concílio anterior, muitos bispos que seguiam o patriarcado de Alexandria excluíram o patriarca João de Antioquia; por sua vez, por ter seu patriarca excomungado, os bispos de tradição antioquena excomungaram o patriarca Cirilo de Alexandria. Ambos os patriarcas tiveram seus escritos considerados heréticos de acordo com a tradição destoante.

O Concílio de Calcedônia, então, tratou de ler e examinar os escritos dos patriarcas João e Cirilo. Ambos afirmavam as duas naturezas de Cristo e sua unidade em uma única pessoa. Logo, ambos foram considerados ortodoxos e as respectivas excomunhões foram retiradas. Assim, buscou-se no concílio examinar o Credo de Niceia e contemplar as diferenças para extrair uma formulação de comunhão entre as tradições antioquenas e alexandrinas. Ao invés de expor as diferenças e extrair excomunhões, o concílio procurou resolver as questões na tentativa de reestabelecer a união ecumênica:

O resultado foi uma afirmação teológica conclusiva, comumente conhecida como “Definição de Calcedônia”. Ela chamou explicitamente Maria de Theotokos e afirmou que Jesus Cristo é uma só pessoa numa união de duas naturezas. Ele era sem confusão e sem mudança (respondendo às dificuldades que os antioquenos levantaram a respeito da teologia alexandrina) e sem divisão ou separação (respondendo às dificuldades que os alexandrinos levantaram a respeito da teologia antioquena).<sup>18</sup>

No entanto, o efeito não foi tão conciliador assim. Os grupos mais radicais entre os antioquenos e alexandrinos “continuavam a considerar a tentativa de compromisso do concílio como uma capitulação às opiniões dos seus adversários”<sup>19</sup>. Uma parte de

---

<sup>18</sup> IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). Op. Cit. p. 246.

<sup>19</sup> Ibid., p. 247.

bispos e teólogos de linhagem antioquena remanescentes viu que Calcedônia era apenas uma capitulação da doutrina de Cirilo, confirmando os absurdos (em sua opinião) decididos no concílio anterior. Estes, como falamos no ponto anterior, seguiam a formulação de Teodoro de Mopsuéstia, que defendia as duas naturezas de Jesus, como duas pessoas distintas numa união voluntária – Logos divino e Jesus homem (com alma humana).<sup>20</sup>

Pensando a teologia assim, era um meio de reafirmar que Cristo realmente sofreu na carne, e a paixão na cruz foi verdadeira. Como cita o patriarca de Selêucida-Cnesifonte, Babai de Kaskar, acerca de Calcedônia e dos Alexandrinos: “Em sua defesa ímpia da união hipostática, você nega a suposição [do homem por meio do Logos] [...] e, por sua união hispostática e composta, torna o sofredor divino [...] para que Deus não seja Deus e o homem não seja homem”<sup>21</sup>.

Os antioquenos passam a ser, então, apelidados por seus adversários de “diofisitas (do grego *dio* – “dois” – e *physis* – “natureza”, ou seja, “duas naturezas” de Cristo)<sup>22</sup>. Logo, o rompimento já ocorrido no Concílio de Éfeso, foi reafirmado aqui, gerando, como dissemos anteriormente, a expansão da igreja antioquena para o extremo oriente. Lá, fundou-se a chamada Igreja Católica Apostólica Assíria do Oriente (com esse nome, pois se reafirmaram como os verdadeiros católicos e a verdadeira igreja que sucedeu os apóstolos), enraizando-se em tradições como a igreja dos Cristãos de São Tomé, na Índia, influenciando os malankares e os siro-malabares em seus ritos, bem como a Igreja Maronita no Líbano, a Igreja Caldeia, no Iraque, todas existentes e numerosas em nossos dias<sup>23</sup>.

Em contraponto, os que se posicionaram contra o Concílio fechando-se radicalmente com as ideias de Cirilo de Alexandria, insistiram na ideia que Cristo era uma única só pessoa e com uma única natureza após a encarnação. Um monge egípcio do século VI já bradava: “Anátema para o impuro Sínodo de Calcedônia! Anátema para todos que concordam com ele! Anátema a todos que negam o sofrimento redentor de Cristo!”<sup>24</sup>. Por assim se posicionarem, foram apelidados genericamente como

---

<sup>20</sup> TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. 5 ed. São Bernardo do Campo, SP: ASTE, 2015. p. 96-97.

<sup>21</sup> BABAI de Kaskar. Sobre a União. In: PELIKAN, J. **A tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. O surgimento da tradição católica 100-600**. Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014. p. 274.

<sup>22</sup> IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). Op. Cit. 247.

<sup>23</sup> BERG, H. MURRE-VAN den. Syriac Christianity. In: PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007. p. 249.

<sup>24</sup> PELIKAN, J. op. cit., p. 273.

“monofisitas” (do grego *mono* – “um”, “único” - e *physis* – “natureza”, ou seja, “uma natureza” de Cristo).

É desse grupo teológico, o qual gravitava em torno do patriarcado de Alexandria, que irão surgir as igrejas chamadas de “pré-calcedonianas”, ou seja, que só aceitaram os três primeiros concílios ecumênicos e rejeitaram o de Calcedônia. Entre elas, encontram-se hoje a Igreja Ortodoxa Copta, a Igreja Etíope Tewahedro, a Igreja Síria Ortodoxa de Antioquia e a Igreja Apostólica Armênia.

### **Qual Igreja Oriental?**

O império romano “rachou” religiosamente e muitas tradições cristãs romperam com a unidade ecumênica e com os destinos políticos romanos. Porém, a sede do império cristão continuou sendo Constantinopla e esta continuou ditando o ritmo da religiosidade cristã imperial, agora sob um novo signo doutrinário, o credo niceno-constantinoplano.

A igreja de Constantinopla fundou o rito chamado de bizantino, em grego, seguindo os rumos teológicos capadócioc, com grande influência antioquena. Como a própria cidade de Constantinopla que foi fundada em 330 para ser a sede imperial e modelo para todas as regiões do Império romano, a igreja bizantina surgiu para ser o centro gravitacional de todas as igrejas cristãs. O projeto de Constantino incluía trazer todas as relíquias apostólicas para a sua cidade, além de ditar os rumos teológicos e litúrgicos.<sup>25</sup> Assim, sua liturgia, enquanto a época da unidade ecumênica, influenciou profundamente todas as igrejas antigas.

No entanto, como foi um rito e um patriarcado que surgiu tardiamente, no século IV, e por pura vontade política, não tinha uma tradição teológica desenvolvida. Como espaço vazio, e de extrema influência política, foi palco da disputa entre os antioquenos e alexandinos que se revezavam no patriarcado. Essa disputa gerou uma verdadeira “teologia de consenso”, a mesma refletida no Concílio de Calcedônia, que procurou conciliar ambas as tradições teológicas orientais e extrair um credo de síntese.

Com o rompimento das tradições antioquenas e alexandrinas, o credo niceno-constantinoplano prevaleceu como único ortodoxo e verdadeiro na política oficial do Estado romano. Ele foi imposto através da força e os que não o aceitaram começaram a

---

<sup>25</sup> Confira o impacto constantiniano em: VEYNE, P. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ser perseguidos. Nas áreas com população majoritariamente antioquena ou alexandrina, as igrejas que decidiram fechar com a política bizantina foram chamadas de “melquitas”, um termo pejorativo que significa “imperial”.<sup>26</sup>

Logo, essa igreja com sede em Constantinopla, que seguia o rito bizantino, em grego, é a que esteve ligada com a igreja de Roma até o século XI. Esta tentou se estabelecer como única e verdadeira “ortodoxa”. De fato, foram os futuros ortodoxos bizantinos que mandaram nos destinos da cristandade imperial, até que Roma e a Igreja latina conseguissem liberdade para se gerir politicamente, economicamente e religiosamente.

Esta liberdade romana começou a ser sentida a partir da ascensão do Império Carolíngio (séc. VIII-IX). Carlos Magno, fundou o primeiro império após a queda do império romano ocidental e, para tanto, se aliou aos destinos de Roma. Ele deu a independência e a proteção que Roma precisava, pois suas relações com o império e a igreja ortodoxa oriental estavam desgastadas por séculos de querelas doutrinárias e problemas político-econômicos. De Carlos Magno até o século XI, a comunhão entre ocidente e a igreja bizantina se tornou insustentável, até ocorrer o episódio que conhecemos como o “Grande Cisma do Oriente” (1054), que nada mais foi que o cisma entre Constantinopla e Roma, já que o grande cisma oriental mesmo ocorreu no Concílio de Calcedônia (451).

Portanto, quando se fala de “Igreja Oriental”, muitos manuais histórico-eclésiásticos se referem apenas à Igreja Ortodoxa de Rito Bizantino, igreja imperial, que rompeu com o Ocidente no século XI. Acaba-se excluindo todos os ritos orientais, os quais romperam meio milênio antes, em Calcedônia. Essa Igreja “oriental” será assim chamada por boa parte dos manuais de teologia e história eclesiástica até os dias atuais. Portanto, penetrou na mentalidade do europeu e, assim, de todo ocidental, que a única igreja do Oriente seria esta de rito Bizantino, excluindo-se, muitas vezes, a importância ou o conhecimento da existência das demais igrejas asiáticas e africanas.

### **A exclusão no seio da historiografia**

A pergunta que nos acomete é: por que excluir tão numerosos e importantes ritos da história eclesiástica e da teologia ocidental? Uma das formas mais eficazes de se

---

<sup>26</sup> IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). Op. Cit. p. 247.

combater as visões destoantes de suas crenças é levá-las ao total esquecimento. Este pode ser um processo consciente ou não.

De fato, o que percebemos é que, por essas tradições cristãs terem rompido com a “unidade ecumênica” e serem consideradas “hereges” na Antiguidade, acabaram perdendo o “direito” de participar da consciência cristã europeia e ocidental. Elas foram perseguidas na Antiguidade e Idade Média, na Idade Moderna esquecidas e daí em diante passadas aos estudantes como tradições que morreram no passado, ou com a expansão islâmica ou com a ascensão católica no Oriente no período das Cruzadas.

Boa parte dos manuais de história eclesiástica ainda transmitem a ideia de que o “fim” do cristianismo no Oriente se deu após a chegada do Islã, no século VII. Porém, o Islã, pela ótica de muitas destas confissões cristãs que aqui analisamos, foi considerado mais um libertador do jugo do imperador cristão romano, considerado herege, do que inimigos conquistadores em si. Ricos são os episódios de diálogo entre o Islã e as tradições cristãs não católicas romanas e nem bizantinas.<sup>27</sup>

Quando o Islã começou a se espalhar pelo oriente, inicialmente pelo Egito, os cristãos coptas favoreceram a penetração do Islã, para que deixassem de ser perseguidos pelo imperador cristão bizantino, que os oprimia desde Calcedônia. E, afinal de contas, o islamismo à época tinha muita influência dos ritos orientais (desde os evangelhos da infância, até sua cristologia).

A Arábia Saudita era uma espécie de “destino ideal” para todos aqueles movimentos considerados heréticos e expulsos de dentro do Império romano. Por isso que a península arábica foi uma região altamente evangelizada e com a confluência de várias tradições teológicas: no século V poderíamos encontrar ebionitas, maniqueus, gnósticos, muitos arianos, além dos antioquenos e alexandrinos. Isto influenciou em

---

27 Confira os seguintes artigos: CRUZ, A. B. da Costa. Do Cristianismo Copta em uma época de transição: a vida do patriarca Benjamin de Alexandria (622-661). *In: ESPAÇO E CULTURA*, UERJ, RJ, N. 37, P.77-98, JAN./JUN. DE 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>.

CRUZ, A. B. da Costa. Duas conjuras: religião e política em um episódio da vida do Patriarca Agatão de Alexandria (c.670). *In: ANAIS do 2º Simpósio Sudeste da Associação Brasileira de História das Religiões: gênero e religião - violência, fundamentalismos e política*. São Paulo: ABHR e PUC-SP, 2015, 21 p.

CRUZ, A. B. da Costa. Por vontade de Deus: a investida sassânida de 614-618 no espelho cristão. *In: PAVÃO, Eduardo Nunes et alli (org.). Anais da 10ª Semana de História Política: Minorias étnicas, de gênero e religiosas / 7º Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: PPGH/UERJ, 2015. pp. 115-126.

CRUZ, A. B. da Costa. A tragédia do patriarca Protério de Alexandria (451-458). Disputas teológico-eclesiásticas e violência no Egito tardo-antigo. *Revista Poder & Cultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 60-100, Jul.-Dez. 2016. Disponível em: [www.poderecultura.com](http://www.poderecultura.com).

demasia a própria formação do Corão inicialmente. E ademais, os islâmicos permitiam a existência do cristianismo, desde que se lhe pagassem tributos.

Por parte dos cristãos orientais, os islâmicos lhes pareciam uma espécie de seita cristã que precisava apenas de algumas correções teológicas. Além do mais, Deus lhes dava a vitória sobre os exércitos romanos, mostrando, segundo a visão cristã, o castigo sobre a “heresia” romana. O Islã absorveu em demasia o conhecimento cristão, sobretudo dos monges, seja na matemática, filosofia, medicina, contabilidade, e até no café. Boa parte do conhecimento produzido na bacia do Mediterrâneo na Antiguidade estava guardada e difundida entre os mosteiros siríacos e egípcios. De dentro dos mosteiros foram ensinados aos árabes, povo guerreiro e nômade, que por isso ser, obviamente não poderia ter desenvolvido todo avanço tecnológico que o caracterizou na idade média ocidental. Portanto, o Islã não fez nenhuma dessas tradições desaparecer, até porque elas existem até hoje e, em muitos países islâmicos como o Irã, Iraque e Egito, elas eram protegidas pelo próprio Estado<sup>28</sup>.

Outra afirmação a ser problematizada reside na “Janela 10’ 40”” ser a região de menor penetração cristã no mundo. Comparando-se com os primeiros mil anos de cristianismo, essa foi a região mais evangelizada e com maior presença cristã do mundo inteiro. E é nela que essas tradições cristãs afro-asiáticas cresceram e residem até nossos dias. Essas igrejas se espalharam pela Ásia e África envoltas em um senso de missionariedade sem igual.

Na história das Cruzadas, podemos observar que os católicos não só se apropriaram de muitos templos cristãos orientais, como mataram todos os sacerdotes que destoavam de sua tradição. Foi muito comum a deposição de bispos orientais e a introdução de bispos romanos no lugar. Isso não se deu apenas entre os bizantinos, mas em todos os lugares que os cruzados chegaram com seu poder. Assim, o contato dos cristãos orientais pela primeira vez com clérigos da Igreja Católica Apostólica Romana foi, em sua maioria, traumático.

Por fim, o desconhecimento também ajudou nessa questão. Após a ascensão dos turcos otomanos na direção do Islã e a queda de Constantinopla por suas mãos (século XV), o Ocidente se afastou por completamente do Oriente e, assim, dos seus irmãos orientais. A memória dos outros ritos cristãos ficou reservada aos manuais sobre a história dos concílios e suas atas.

---

<sup>28</sup> Obviamente, até antes da Primavera Árabe (a partir de 12/2010), ocorrida no norte da África e Oriente Médio, que levou ao poder os grupos mais radicais e trouxe instabilidade política aos cristãos.

Quando a História Eclesiástica começou a ser lecionada nas universidades teológicas, por conta das controvérsias geradas após o início da Reforma Protestante<sup>29</sup>, o Ocidente europeu já não tinha mais contato com o Oriente o que acarretou no desaparecimento destes na memória eclesiástica, no senso comum dos cristãos e nos seus escritos. É a partir daí que os ortodoxos bizantinos são cristalizados na mentalidade histórica europeia como a “Igreja do Oriente”, já que era a única tradição que mantivera contato com o Ocidente, seja através da Grécia e Balcãs, e da influência dos teólogos bizantinos na Península Itálica. Ou seja, o movimento protestante nasce sem conhecimento dessas tradições, a não ser daquele passado pela Igreja Católica, esparso e fruto de séculos de rompimento, perseguição e inimizade.

Há alguns interessantes episódios de contato entre os protestantes e as tradições orientais, sobretudo com o início da missionariedade protestante do Oriente Médio, a partir do século XIX. Por exemplo, nos primeiros contatos com os assírios do Oriente, procurou-se conhecer e descobrir o que eram, com a única informação que não eram “papistas”<sup>30</sup>.

Assim, podemos perceber que o desconhecimento generalizado destes cristianismos, para longe de ser coincidência, foi um projeto de torná-los desconhecidos.

## Conclusão

Diante do quadro que expomos, como pode-se ainda ignorar as diversas tradições cristãs em diversos locais do mundo, sobretudo deste oriente cristão? É necessário trazer à tona sua historicidade e diversidade; é necessário historiar e incorporar tais experiências aos nossos livros didáticos, aos nossos manuais de história eclesiástica e de teologia. Como cita Alberigo<sup>31</sup>, a “ignorância, ainda crassa, que toda a

---

<sup>29</sup> A ideia de se produzir manuais de história eclesiástica com objetivos de formação de identidade e defesa apologética, pode ser vista a partir dos manuais protestantes como “As centúrias de Magdeburgo” ou os manuais anti-protestantes, como ao “Anais eclesiásticos” de César Barônio. Cf: GONZÁLEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo**. A era dos reformadores até a era inconclusa. vol. 2. 2 ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 105-108.

<sup>30</sup> Confira o artigo onde me detive sobre um desses encontros: PAIVA, L. G. P. M. de. “Nestorianos piedosos”: uma experiência de diálogo religioso de uma missão protestante no século XIX. In: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. **Anais do 28º Congresso Internacional da SOTER: religião e espaço público: cenários contemporâneos** / Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2015. p. 1414-1421.

<sup>31</sup> ALBERIGO, Giuseppe. Novas fronteiras da história da Igreja?. In: **Concilium – Revista Internacional de Teologia**. Petrópolis, Vozes, n. 57, v. 1 (seção “História da Igreja”), 1970. p. 874.

nossa cultura mostra quanto à experiência cristã vivida nas outras áreas geográficas e culturais” é um grande entrave para estabelecer diálogos com essas tradições cristãs, que a cada dia, têm migrado para os continentes europeu e americano, sobretudo em busca de refúgio diante das perseguições nas regiões em que são originárias.

De acordo com o historiador Alfredo Cruz:

[...] o estudo dos cristianismos cuja trajetória histórica *não* veio a resultar no Papado moderno ou no movimento protestante ajuda a corrigir o equivocada eurocentrismo que ainda hoje tem orientado certas pesquisas acadêmicas e narrativas populares sobre o estabelecimento da fé em Jesus Cristo como uma religião mundial.<sup>32</sup>

O cristianismo é religião do Oriente. Não devemos confundir seu domínio sobre o Ocidente, esquecendo-nos de suas origens palestinas, siríacas e egípcias. Cristianismo de forma alguma é sinônimo de Ocidente, Europa e E.U.A. Quando abrirmos os horizontes de pesquisa e produção bibliográfica para o cristianismo em suas tradições orientais, encontraremos uma riqueza de facetas dessa experiência magnífica que é a religiosidade humana.

Descobriremos, assim, um outro mundo de perguntas e respostas teológicas, de histórias para edificação pastoral, crescimento devocional e espiritual, novas experiências hermenêuticas, cúltricas e eclesiológicas. E, para além disso, conheceremos as dores e sofrimentos destes cristãos tão duramente perseguidos, mas tão resistentes em sua luta em manter suas tradições e fé vivas, nos solidarizando e, quem sabe, ajudando-os a sobreviver.

## Referências Bibliográficas

ALBERIGO, Giuseppe. (org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. Novas fronteiras da história da Igreja? *In: Concilium – Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, Vozes, n. 57, v. 1 (seção “História da Igreja”), 1970.

APPLEYARD, D. Ethiopian Christianity. *In: PARRY, KEN. (org.). The Blackwell companion to Eastern Christianity*. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007.

---

<sup>32</sup> CRUZ, A. B. da Costa. **As várias fibras da túnica inconsútil**: a história do cristianismo como mosaico e como rede. *In: COLETÂNEA Rio de Janeiro Ano XIII Fascículo 25 p.76-105 Jan./Jun. 2014. p. 89.*

BERG, H. MURRE-VAN. Syriac Christianity. *In*: PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007.

CRUZ, A. B. da Costa. **As várias fibras da túnica inconsútil**: a história do cristianismo como mosaico e como rede. *In*: COLETÂNEA Rio de Janeiro Ano XIII Fascículo 25 p.76-105 Jan./Jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Do Cristianismo Copta em uma época de transição: a vita do patriarca Benjamin de Alexandria (622-661). *In*: ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 37, P.77-98, JAN./JUN. DE 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>.

\_\_\_\_\_. Duas conjuras: religião e política em um episódio da vida do Patriarca Agatão de Alexandria (c.670). *In*: ANAIS do 2º Simpósio Sudeste da Associação Brasileira de História das Religiões: gênero e religião - violência, fundamentalismos e política. São Paulo: ABHR e PUC-SP, 2015, 21 p.

\_\_\_\_\_. Por vontade de Deus: a investida sassânida de 614-618 no espelho cristão. *In*: PAVÃO, Eduardo Nunes et alli (org.). **Anais da 10ª Semana de História Política: Minorias étnicas, de gênero e religiosas / 7º Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: PPGH/UERJ, 2015. pp. 115-126.

\_\_\_\_\_. A tragédia do patriarca Protério de Alexandria (451-458). Disputas teológico-eclesiásticas e violência no Egito tardo-antigo. **Revista Poder & Cultura**, Rio de Janeiro, Vol. 3, Nº 6, pp. 60-100, Jul.-Dez. 2016. Disponível em: [www.poderecultura.com](http://www.poderecultura.com).

GONZÁLEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo**. A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.

\_\_\_\_\_. **História ilustrada do cristianismo**. A era dos reformadores até a era inconclusa. vol. 2. 2 ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.

\_\_\_\_\_. **Retorno à História do Pensamento Cristão**: três tipos de teologia. São Paulo: Hagnos, 2011.

IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.) **História do movimento cristão mundial**. Vol. 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004.

JENKINS, P. **A próxima cristandade**: a chegada do cristianismo global. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KAUFMANN, T; et alli (org). **História Ecumênica da Igreja**. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

KÖTTING, B. A ampla articulação da Igreja. *In*: KAUFMANN, T; et alli (org). **História Ecumênica da Igreja**. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

MARKSCHIES, C. De meados do século II até o final do século III. *In*: KAUFMANN, T; et alli (org). **História Ecumênica da Igreja**. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

NERSESSIAN, V. N. Armenian Christianity. *In*: PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007.

PAIVA, L. G. P. M. de. Antioquia, Paulo de Tarso e a formação da religião Cristã. *In*: **Revista Tempo Amazônico** - ISSN 2357-7274| V. 2 | N.2 | jan - jun de 2015 | p. 94-110.

\_\_\_\_\_. PAIVA, L. G. P. M. de. “Nestorianos piedosos”: uma experiência de diálogo religioso de uma missão protestante no século XIX. *In*: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. **Anais do 28º Congresso Internacional da SOTER: religião e espaço público: cenários contemporâneos / Organização SOTER**. Belo Horizonte: SOTER, 2015. p. 1414-1421.

PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2007.

PELIKAN, J. **A tradição Cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina. O surgimento da tradição católica 100-600. Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

PERRONE, Lorenzo. De Niceia (325) a Calcedônia (451). *In*: ALBERIGO, G. (org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

TENNEY, M. C. **Tempos do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.

TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. 5 ed. São Bernardo do Campo, SP: ASTE, 2015.

VEYNE, P. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

VINE, A. R. **The Nestorian Churches**: a concise history of nestorian christianity in Asia from the Persian schism to the modern assyrians. London: Independent Press; Memorial Hall, 1937.